

Bresser procura bancos credores mês que vem

E se o jogo endurecer Brasil poderá examinar possibilidade de ampliar a moratória

O ministro da Fazenda, Luiz Bresser Pereira, viaja aos Estados Unidos ainda em junho, para manter contatos com os representantes dos bancos credores, do Fundo Monetário Internacional e do governo norte-americano, dentro da nova estratégia do Palácio do Planalto de procurar reabrir as conversações e tentar uma renegociação da dívida externa ao longo do segundo semestre.

Se o primeiro contato for negativo, comprovando a disposição dos banqueiros em endurecer o jogo com o Brasil, o Governo poderá realmente ampliar a suspensão dos pagamentos de juros também para as dívidas junto aos bancos oficiais e organismos internacionais, de acordo com um assessor do presidente José Sarney, ouvido ontem. O Planalto quer

uma definição externa antes da convenção nacional do PMDB.

Caso haja uma recepção favorável à visita de Bresser a Washington e Nova Iorque, sem indicações de represálias dos credores à moratória brasileira, o Presidente da República deverá autorizar a ampliação das conversações, tentando encaminhar a retomada da negociação antes do final de junho. Isso porque o Brasil terá que voltar a se entender com o Clube de Paris na primeira quinzena de julho.

Na hipótese de um clima favorável à abertura de negociações em torno da dívida externa, o ministro da Fazenda deverá fazer logo em seguida uma segunda viagem ao exterior, desta vez incluindo a Europa Ocidental e o Japão, para expor aos credores o Plano de Ajusta-

mento da Economia que está em fase final de elaboração. Com este plano — que seguirá as linhas dos ajustes com crescimento aceitos pelo diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus — o País espera controlar a inflação e garantir o superávit comercial necessário à normalização dos pagamentos externos.

O interesse do Planalto em ter uma definição antes da convenção do PMDB, de acordo com estes assessores, baseia-se na idéia de que o Governo precisará de mais apoio político interno caso precise endurecer com os credores, suspendendo também os juros a bancos oficiais e organismos internacionais, com a ampliação da moratória diante do total esgotamento das reservas cambiais.

SERGIO SEIFFERT



Bresser (seguido por Nakano): Moratória não cresce